

**Cruzando os
dados e...**

**cruzando os
dedos**



Sabe aquela história de que as luzes que vemos no céu hoje talvez sejam de estrelas que já morreram? Com o fogo na floresta, acontece algo similar: as queimadas que vemos hoje são da floresta que já morreu...

A Amazônia é uma floresta tropical úmida. Isso quer dizer que além de ser uma floresta, além de estar nos trópicos, ela é uma floresta cheia de umidade. Por mais que haja um enorme arsenal teórico de combustível nessa floresta, incêndios naturais ali são raríssimos. Quem já tentou acender uma fogueira com lenha molhada tem uma dimensão da dificuldade que é colocar fogo em madeira úmida.

O cruzamento de dados sobre o desmatamento na Amazônia mostra que, em geral, as queimadas acontecem em áreas recém-desmatadas. A dinâmica do desmatamento segue uma sequência de três etapas. Na primeira, as grandes árvores, com maior valor comercial, são abatidas e retiradas da área. A segunda, é a passagem do correntão, uma técnica que consiste em amarrar correntes em dois tratores e passar destruindo a vegetação mais baixa. Por fim, a terceira etapa é a queimada. Depois de deixar a vegetação derrubada secando por algumas semanas, o fogo é ateado.

E o que acontece depois? O fogo na floresta encerra o processo de desmatamento, mas é o início de outros processos perversos: a ocupação e grilagem de terras públicas e a destinação de áreas privadas que deveriam

manter florestas para outros fins. O primeiro desses processos é especialmente atroz para todos os brasileiros pois as terras públicas são nossas. São terras ainda sem destinação ou áreas protegidas, como Terras Indígenas, Parques Nacionais e outras unidades de conservação. Os grileiros ocupam essas áreas e esperam que o poder público, em algum momento, regularize sua situação. E por mais absurdo que isso possa parecer, muitas vezes isso, de fato, acontece.

O segundo processo, onde se destina áreas privadas que deviam ser conservadas para outras finalidades, é a consequência direta do desmatamento ilegal. No Brasil, cada propriedade rural deve manter uma parte de sua vegetação natural. A ideia é que possamos, como país, preservar uma parte relevante da nossa vegetação e assim garantir os benefícios que isso traz a todos nós, como a qualidade e a disponibilidade de água, o controle de doenças humanas, a fertilidade dos solos, a polinização, a regulação do clima, a qualidade atmosférica, o controle de pragas agrícolas e entre muitos outros. Apesar de se dar em terras privadas, os prejudicados somos nós. Os proprietários que ocupam uma parcela maior do que deveriam de suas terras, lucram com isso e transferem o ônus para todo o povo brasileiro.

Na Amazônia, mais de 90% do desmatamento é ilegal: ou se dá em terras públicas ou

em áreas privadas que deveriam ser conservadas. Muitas dessas áreas se transformam em pastagens de baixa produtividade ou em campos agrícolas majoritariamente produzindo soja. A ironia, porém, é que seria possível obter uma produção muito maior explorando os produtos da floresta de maneira sustentável. Por exemplo, o valor da produção agrícola da região Norte do país em 2017, segundo o IBGE, foi de 22,6 bilhões de reais, a soja foi responsável por 21,7% e o açaí, por 24.5%. A soja é exportada para alimentar o gado de outros países, criando um ciclo de destruição: desmatamento, plantio de grandes monoculturas que degradam solos e gastam água excessivamente e conversão em alimento para o gado que, por sua vez, será consumido por população cada vez mais obesa e menos saudável.

Por outro lado, o açaí e os outros produtos da floresta, como a castanha-do-Pará e o babaçu, mantém a floresta em pé, são muito mais sustentáveis, carregam consigo um pouco do Brasil para todos os lugares do mundo para onde vão e podem criar uma nova economia na Amazônia.

Assim, para além de cruzarmos os dados e nos darmos conta de quão perversos e prejudiciais são os processos de desmatamento, queimadas e ocupação das terras na Amazônia, temos que cruzar os dedos para que estratégias de defesa da Amazônia sejam implementadas. Como se trata de um patrimônio nosso, de todo do povo brasileiro, e os

prejuízos de ficar sem a floresta também são nossos, vale a pena fazer pressão enquanto cruzamos os dedos...